

SESSÕES DO PLENÁRIO

33ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 29 de agosto de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADA DRA. FABÍOLA MANSUR (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Invocando a proteção de Deus, eu declaro aberta esta sessão histórica. Boa tarde a todos e a todas que nos engrandecem com suas presenças nesta sessão para invocar Batatinha, o Sr. Oscar da Penha, através de uma sessão especial que foi requerida pelo nosso mandato.

Convido para compor a Mesa, com muita honra, o Sr. Lucas da Penha, que acabou de chegar. Ele é filho de Batatinha, a gente já o chama de Lucas Batatinha, ele é artista visual e designer gráfico. (Palmas)

Ainda para compor a Mesa, quero começar a chamar estes ícones do samba: o Sr. Nelson Rufino, um grande compositor e cantor do samba brasileiro; o Sr. Paquito Moura, um amigo, compositor, produtor, cantor da nova geração que conseguiu, em 1996, reverenciar Batatinha. Cadê Paquito? (Palmas)

Convido para compor a Mesa, o Sr. Roberto Santana, grande produtor cultural, a quem Nelson Rufino se referia: “O grande descobridor de talentos”, que prefere ficar sentadinho ali; o Sr. Clarindo Silva, grande e conhecido jornalista, escritor, poeta, compositor, um agitador cultural e nosso amigo; o Sr. Filemon Matos, ex-deputado, nosso querido conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, um grande apoiador da cultura; o Sr. Dr. Antonio Alberto Lopes, esse amigo, professor, hoje diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. (Palmas)

Convido ainda o Sr. Gilmar Teles, presidente do Conselho de Cultura do Estado da Bahia; o Sr. Washington Paganelli, presidente do Comcar; o Sr. Luis Guilherme Pontes Tavares, querido vice-presidente da Associação Bahiana de Imprensa; a Sr.^a Juliana Ribeiro, nossa cantora, compositora, historiadora, mestre em cultura, que nos dá o prazer de sua presença. (Palmas)

Cito o Sr. Sílvio Humberto, meu amigo, vereador da cidade, parceiro de Câmara Municipal de Salvador, juntos fomos proponentes do Sistema Municipal de Cultura do município de Salvador. (Palmas)

Você pode compor Mesa?

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Ele me informa que, por questões eleitorais, não pode, de fato, compor a Mesa, mas sinta-se citado e receba a nossa admiração por tudo que você faz pela cultura no município de Salvador. (Palmas)

Bem, neste momento, como manda o rito, eu quero que os senhores, por favor, se acomodem à frente para ficarmos em posição de respeito e ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Gostaria de convidar também, para completar a nossa Mesa, a Sr.^a Sara Prado, amiga, diretora da Fundação Cultural da Bahia, que neste ato representa o Governo do Estado da Bahia; o Sr. João Américo, o nosso querido amigo, ele não se lembra de mim, eu tinha 17 anos quando o conheci, grande produtor musical; e o Sr. Heraldo Rocha, ex-deputado, outro grande amigo, ele me conheceu médica, somos colegas. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Neste momento, irei à tribuna e farei meu discurso.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Queria começar dando meu boa-tarde a todos os familiares, aos amigos e aos admiradores do Sr. Oscar da Penha, o nosso Batatinha. Queria dizer também da importância de termos uma sessão especial nesta Casa, não apenas para constar nos Anais um documento histórico de uma homenagem, de uma reverência, que a gente faz a esse grande sambista, ícone do samba na Bahia e no Brasil, mas também para conseguir juntar a nata do samba de várias gerações para homenageá-lo juntamente comigo.

Procurei fazer o mínimo possível de discurso, porque quem vai falar mais alto aqui é o samba. Pela primeira vez, nós vamos ter uma roda de samba aqui, entre as falas que vamos brindar daqui a pouco, para lembrar as canções de Batatinha. Quero saudar Patrícia, uma salva de palmas; Enio e Thiago Leite. (Palmas) Aqueles que conseguirem se juntar a eles, com certeza serão bem-vindos. Já coloquei minha caixinha de fósforo ali e, daqui a pouco, eu vou descer para também falar com vocês.

(Lê) “Como nos disse o poeta baiano Florisvaldo Mattos: ‘Batatinha, no seu glorioso centenário, permanece sentado no trono do samba, tendo nós todos como os seus fiéis vassalos.’ Nessa condição de súditos do Seu Oscar da Penha, a gente celebra, hoje, esta sessão especial em homenagem aos seus 100 anos de nascimento.” Ele com certeza é um dos maiores ícones do samba.

É verdade que a cultura precisa ter, nas Casas Legislativas, alguém, ou muitos, com a sensibilidade de sempre lembrar do trabalho daqueles que inovaram, daqueles que são seus precursores. Por isso, a importância da cultura, da memória e da história do samba na Bahia, e da memória e da história dos ilustres baianos. Essa é a importância desta sessão especial, que eu considero histórica, e para a qual suas presenças são extremamente importantes.

Paquito, você me corrija. Paquito é quem mais entende da história de Batatinha, pois buscou fazer uma pesquisa. Batatinha nasceu em Salvador, na Maternidade Climério de Oliveira, no dia 5 de agosto de 1924. Ele era pai de nove filhos e constituiu a sua profissão, a sua família e a sua história aqui.

(Lê) “Oscar, em todos os cantos por onde caminhou, ficou conhecido como Batatinha. Ele foi parceiro de Riachão, de Panela, de Edil Pacheco, de Ederaldo Gentil e, juntamente com eles, formou o quinteto sagrado do samba na boa terra.

Começou a trabalhar aos 10 anos como marceneiro, mas fixou sua profissão originariamente como gráfico. Trabalhou no *Diário de Notícias*, em Salvador, até se aposentar. No início dos anos 1940, o compositor ainda era chamado de Oscar o office boy, e depois linotipista do jornal Diários Associados.

Naquela época, chegou a Salvador o grande jornalista, escritor e compositor Antônio Maria, que dirigiu a Rádio Sociedade da Bahia. Foi exatamente com Antônio Maria que Oscar ganhou o apelido que o identificou por toda a vida. Ao apresentá-lo no programa, Antônio Maria anunciou: ‘Com vocês, Oscar da Penha, o Batatinha’, e explicou: ‘Fica todo mundo chamando você de Vassourinha por causa do samba. Vassourinha é lá em São Paulo, rapaz. Aqui temos o Batatinha.’” Na verdade, Batatinha, para ter o seu trabalho valorizado, muitas vezes usava nomes de outros compositores. Havia um sambista nascido em São Paulo que se fixou no Rio de Janeiro, o Vassourinha, que compôs um samba e morreu aos 19 anos. Então, ele muitas vezes usava o nome de Vassourinha. Havia uma tradição, naquela época, que batata seria gente boa, e assim se fixou o nome de Batatinha a Seu Oscar da Penha.

(Lê) “Foi exatamente a Antônio Maria que nosso Batatinha apresentou seu primeiro samba: *Inventor do Trabalho*.” Esse samba, na verdade, foi o primeiro samba dele e continua muito atual, porque ele diz que dá muito trabalho trabalhar, mas há tanta gente no mundo que trabalha sem nada obter, somente para comer. Vejam que Batatinha também já se inseria num contexto das desigualdades sociais através do samba.

(Lê) “Ele continuou por muito tempo a se apresentar na Rádio Sociedade e no programa Campeonato do Samba. Ele compôs marchas, músicas para o Carnaval, sambas de roda, samba-canção. Dominou muitos ritmos e espalhou seu talento e sua poesia Brasil afora.”

Ele estudou música com o maestro Santo Amaro em 1946 a 1947, mas ele gostava mesmo era de batucar em caixinhas de fósforo, ele as usava para compor. A gente trouxe, em homenagem a ele, uma caixinha de fósforo para quem for depois à rodinha de samba poder lembrar de Batatinha do jeito que ele efetivamente compunha. Em sua música *Ministro do Samba*, ele dizia: “*Eu que não tenho violão faço samba na mão*.” Então, esse é o grande batucador de caixinha de fósforo, um ilustre compositor, um gênio do samba.

Batatinha teve suas músicas gravadas por Jamelão, a primeira foi *Jajá da Gamboa*; por Paulinho da Viola, um amigo que ele reverenciou em vida, fez a música *Ministro do Samba*, que dizia que o samba bem merecia ter um ministério, e o ministro seria Paulinho da Viola. Paulinho da Viola recentemente esteve aqui também, sendo homenageado pela Bahia.

Então, ele teve suas músicas gravadas por Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Nora Ney, Tião Motorista, Caetano, Bethânia... Bethânia foi uma de suas primeiras fãs, tendo incluído também músicas de sua autoria no seu disco nos anos 1960, como *Diplomacia*. Também por Walmir Lima, Edil Pacheco, Jussara Silveira e tantos outros grandes nomes da nossa música. Temos um ali sentado: Nelson Rufino, que também reverenciamos com uma salva de palmas. (Palmas) Nós precisamos

reverenciar os nossos ícones do samba em vida para que eles sejam lembrados, para que eles sejam inspiração para as novas gerações de sambistas. Nelson, eu quero, saudando você e o Lucas, que é filho de Batatinha – para não me estender –, saudar toda essa extensa Mesa que já foi nominada.

Bem, para nossa tristeza os discos de Batatinha estão fora do catálogo. Isso é o que acontece com ícones da nossa cultura, Paquito, que fazem reconhecidamente um grande trabalho, mas que não têm necessariamente o seu valor reconhecido. Mesmo assim, estamos nesta sessão especial e, no coração de vocês, ele continua sendo um grande compositor e cantor que faz parte da galeria reservada aos imensos nomes da história da cultura brasileira, deixando seu nome e suas canções imortalizadas. Mando um abraço a Bruno, Sara, bem como lembro ao nosso querido governador que, ainda neste ano do centenário, precisamos tentar fazer algo em relação à memória de Batatinha, reverenciando-o com essa questão. (Palmas)

As novas gerações, Juliana – a quem quero saudar e daqui a pouco vai cantar para nós –, a exemplo de você, Paquito e de Jota Velloso, compositores, cantores, produtores baianos que organizaram a obra *Diplomacia - Antologia de um Sambista*... Eu quero uma salva de palmas para Paquito, (palmas) porque em 1996 ele e Jota Velloso resgataram essa memória com várias pessoas cantando nesse disco, formando uma nova geração que resgata e respeita esse trabalho. Filemon, Gilmar, ex-deputado Heraldo, nosso querido João Américo, nosso querido Luis Guilherme, professor Antonio Lopes, Paganelli e Clarindo, precisamos, na verdade, fazer com que as antigas gerações encontrem as novas gerações. Está aqui um colégio para reverenciar quem é a nata do samba, porque um sambista não morre jamais. E o que estamos fazendo nesta sessão especial, com a *TV Assembleia*, a quem agradeço, é exatamente levantar, resgatar, no centenário de Batatinha, a memória desse grande sambista. Esta sessão é palco para o começo de várias dessas ações que eu tenho certeza que, ainda no centenário dele, poderão ser feitas através da nossa Secretaria de Cultura.

Então, Paquito, eu queria agradecer a sua presença – sei que Jota está viajando –, porque você reuniu vozes preciosas nessa obra antológica. Conheço Paquito há 40 anos, nós fomos colegas de colégio, então eu fico muito feliz que nos encontremos nesta situação: você como um grande produtor cultural e eu como uma deputada que te reverencia e te elogia por você ter feito esse resgate da obra de Batatinha.

(Lê) “A Bahia é celeiro de artistas ilustres. Com certeza, Batatinha é um poeta popular de grande nobreza, que jamais saiu da sua Salvador e fez seu roteiro de vida entre a Baixa do Sapateiro, a Barroquinha, a Saúde, a Rua das Flores e o Pelourinho.” Clarindo, nosso agitador cultural, o grande rei do Pelourinho, com certeza sabe do que estamos falando. E quantas rodas de samba se passaram ao longo dessas décadas dentro do seu restaurante, dentro do seu bar e dentro do Pelourinho? (Palmas) Clarindo, é uma honra ter você aqui.

Estamos hoje aqui para reverenciar... Eu falo agora para vocês que são da escola e que chegaram há pouco. A Escola do Legislativo traz meninos do nosso ensino médio para virem à Assembleia Legislativa assistir sessões. Nós estamos

reverenciando o sambista Oscar da Penha, que tem o nome “Batatinha”, no centenário do seu nascimento. Um sambista que nasceu em 1924. Olha lá, vocês estão aparecendo na *TV Assembleia*. Nós estamos reverenciando a cultura do nosso estado, que é palco de ilustres compositores, cantores, artistas de todas as áreas.

Nós estamos registrando nos Anais desta Assembleia os nossos aplausos para esse mestre que, com certeza, tornou ainda mais bela a história do samba. Nós estamos reverenciando o samba, porque o samba nasceu na Bahia. Apesar de eu ter sido carioca, porque nasci no Rio, à minha família eu digo que “fui” carioca. Eu sou a Bahia. A Bahia é, na verdade, a minha terra do coração.

Eu sempre gosto de dizer que o samba nasceu na Bahia e temos de reverenciar aqueles que colaboram para essa história. O samba é patrimônio cultural e reverenciamos Batatinha ao reverenciar a história do próprio samba da Bahia.

Viva ao samba! Viva a Batatinha! Celebremos a memória e a reverência do Seu Oscar da Penha – Batatinha! (Palmas)

(Revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Uma salva de palmas para o Colégio Montessoriano, da Boca do Rio. (Palmas)

Vocês agora vão ver muita história do samba. O samba precisa ser resgatado também pela juventude.

Eu separei um vídeo, Paquito, de uma grande amiga minha, uma querida. Eu a conheci, João Américo, no tempo que eu te conheci, que é Jussara Silveira. Jussara gravou uma faixa do disco *Diplomacia – Antologia de um Sambista*, que é uma coletânea. Ela não pôde estar aqui, mas fez questão de mandar um vídeo e a canção que ouviremos antes das falas. Um pouquinho de canções aqui e ali até chegarmos na nossa roda do samba.

O vídeo, por favor.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Ju! Agora nós vamos chamar a querida sambista, cantora e historiadora Juliana Ribeiro. (Palmas)

Depois de sua fala, na hora que for cantar de novo, eu queria falar dos músicos Thiago Leite no violão e Enio Bernardes na percussão.

A Sr.^a JULIANA RIBEIRO: Boa tarde a “todes”! É uma satisfação enorme estar neste momento do centenário de Batatinha. Fabíola, me perguntaram por que as homenagens de Batatinha não foram feitas nem pelo estado nem pelo município a nível institucional. Eu falei que eu também não sabia responder. Eu também não sei responder o porquê. Por que uma obra como a de Batata não é lembrada institucionalmente no sentido de representatividade?

A gente está falando de um grande compositor baiano que representa um tipo de cancionista brasileiro raro, único. A obra dele é imortal. É sim. “Ah! Mas eu não conheço Batatinha.” Se você ouvir Batatinha, você nunca mais vai deixar de ouvi-lo. É extremamente elaborado, poeticamente, harmonicamente, melodicamente. A gente

não pode deixar de falar isso. Ele compunha só com a caixa de fósforo, sim, porém Batatinha tem uma dimensão da composição que é existencial. Batatinha compõe o que a alma dele pede para falar. Isso é único dentro da música, não só baiana, mas também na música brasileira. Batatinha está no rol de Nelson Cavaquinho e de Cartola pela forma como ele compõe. Isso é realmente para poucos e a gente tem o privilégio de Batatinha ter nascido e deixado esse legado aqui.

Então, eu lhe parabenizo mais uma vez, deputada, não só pela homenagem, mas pela sensibilidade de entender que isso faz parte da nossa construção cultural enquanto nação. Vai muito além, Batatinha vai além, Batatinha é além e é por isso que ele é imortal. Eu gostaria, claro, de reverenciar meus mais velhos que aqui estão. São vários: Chocolate da Bahia se faz presente (palmas), Carlos Pitta, Rita Tavares – espera aí para eu não esquecer de ninguém, meu Deus –, o filho de Batatinha também está aqui, além de Lucas, Badá também está, o querido Chicco Assis está aqui também, Vadinho França, o querido Jairo da Mata, Dody Só, Ygas Eloy. Temos vários artistas aqui. Meu Deus! Gente, eu vou esquecer, mas eu estou querendo falar de todo mundo para dizer que não estamos sozinhos nisso. Temos nossos companheiros Patrícia, Enio, Leite, Franciel. Está todo mundo aqui, são muitos. Isso é para dizer que não estamos sós quando falamos de Batatinha. É nesse sentido que eu quero agregar. Eu acho que a melhor forma de falar sobre Batata é cantar Batata. Leite, você topa me acompanhar? (Risos) Agora eu preciso ouvir o violão. Faz sustenido menor, pode ser?

Bom, essa canção fala sobre sonhos, sobre sonhos, sobre tudo o que a sociedade retira, mas que o sonho permite realizar. O nome dessa canção é *Direito de sambar*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Salve Batatinha! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Que emoção, Juliana, sua fala, sua lembrança e seu canto. Muito obrigada.

Uma salva de palmas para Juliana, essa grande artista baiana. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Agora eu queria chamar para falar aquele que teve a brilhante ideia de fazer o disco *Diplomacia*: o nosso compositor, cantor e produtor Paquito Moura. (Palmas)

Paquito Moura aqui na Assembleia! Temos de dar nome e sobrenome. Paquito, você é autoridade, que bom ter você aqui.

O Sr. PAQUITO MOURA: Boa tarde, estou muito emocionado. Nunca estive na Assembleia. Também estou emocionado por estar aqui por conta da música popular, a música popular da Bahia e a música popular do Brasil. Batatinha é um grande representante disso.

Estou aqui representando a mim e a Jota Velloso, meu parceiro no disco *Diplomacia*. Foi um disco tenso de se fazer, porque quando tivemos a ideia, chamamos Batatinha e depois descobrimos que ele estava doente. Então, o disco foi feito num clima assim... sabíamos que a qualquer momento ele podia ir, mas deu

tempo de ele gravar. E ele nos disse quando foi internado: “Eu vou sair daqui, Paquito e Jota. Eu vou fazer o disco.” Então, ele sabia que seria uma espécie de testamento dele.

Eu queria fazer uma menção a uma pessoa que, antes de todo mundo, me falou da Assembleia: “Oh! Vamos fazer uma coisa na Assembleia”, que é o meu amigo Franciel que está aí. (Risos) Pode levantar, Franciel. Foi ele quem disse isso inicialmente. (Palmas)

Eu queria dizer também o seguinte para os governos, já que a gente está aqui em um lugar público: hoje está mais difícil. Na época que a gente fez o disco, tinha uma coisa do crescimento do mercado de música da Bahia por conta do axé music e a gente achou que isso podia contemplar os artistas que não eram ligados estritamente ao Carnaval. Batatinha fazia músicas para o Carnaval, mas não ganhava concurso, porque os sambas eram tristes.

Hoje está mais difícil ainda, porque o mercado de música no Brasil e no mundo está muito detonado por conta dessas coisas de *streaming*. O disco de Batatinha que a gente produziu está no *streaming*, mas se recebe muito pouco por ele.

Então, que o estado seja, quando for fazer editais e tudo o mais, menos burocrático. Está muito burocrático! Acho que tem de ter curadoria, tem de ter tudo isso, mas tem de ser menos burocrático. Hoje está muito difícil para compositores como eu, por exemplo, que tenho 60 anos de idade, entendeu? Eu só estou dizendo para que isso seja a grande coisa a ser feita em homenagem a Batatinha.

Estou aqui, não preparei discurso nenhum e eu estou realmente muito emocionado porque faço parte disso, eu e Jota. A ideia, tenho que dizer, de fazer o disco, inicialmente, foi de Jota Velloso, meu parceiro. Ele falou: "Paquito, vamos fazer um disco de Batatinha." Fizemos e estamos aqui hoje por isso. E vamos continuar sempre cantando as canções de Batata, porque ele era genial em sua simplicidade, com a sua caixinha de fósforos.

Eu queria agradecer a todo mundo que está aqui; Fabíola, quem eu conheço há muitos anos; eu estou vendo Clarindo Silva, que é um amor de pessoa; Nelson Rufino; Lucas, filho de Batatinha, que é artista; João Américo... Não posso falar de todo mundo... Mas era isso.

Beijos! Viva a Batata! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Viva! Valeu, Paquito.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Quero aproveitar a deixa e já saudar Ernesto Marques, presidente da nossa Associação Bahiana de Imprensa, que está representado aqui por Luis Guilherme; Walter Pinheiro, presidente da Assembleia Geral da Associação Bahiana de Imprensa; o amigo Manuel Augusto Bonfim, artista plástico; o cantor e compositor Julião; Evilasio da Silva Bouças, presidente do Conselho Municipal de Comunidades Negras; Chocolate da Bahia, que está sempre aqui; Jairo, um abraço, amigo de tantos carnavais, não é, Jairo? (Palmas)

Quero saudar também Gileno Lopes, do Sindipetro; Chicco Assis, diretor de patrimônio da Fundação Gregório de Mattos; Carlos Pitta, meu amigo Pitta, que tem de ser reverenciado também, é um grande cantor e compositor; Vadinho França, do Bloco Alvorada. Cadê Vadinho? Ô, Vadinho, do lado de Jairo! Em todo Carnaval, a Cristina, faça chuva ou faça sol, não trabalha para sair no Alvorada, Vadinho.

Ademais, Iana Sara, neste ato representando a minha querida secretária Rowenna Brito. Leve um abraço para Rowenna. Se tiver um lugarzinho aqui, Iana, venha compor a Mesa; bem como Dody Só; Carlos Alberto Verçosa; Francis Juliano de Oliveira; Iguabira Veras; Ana Maria Vieira Santos; o amigo Osmar Ferreira; Ygas Eloy; artistas; enfim, tantas pessoas compondo esta histórica sessão. (Palmas)

Agora, nós vamos ter poucas falas. Serão apenas quatro falas da Mesa, porque nós vamos ter nossa roda de samba. Então, eu queria pedir que as falas tivessem 3 minutos para reverenciar, porque a maior reverência é o samba.

Eu quero chamar agora para se pronunciar o Sr. Clarindo Silva, jornalista, escritor, poeta, compositor, agitador cultural e meu amigo. Vamos ver se ele consegue falar em 3 minutos.

O Sr. CLARINDO SILVA: Boa tarde a todos e a todas. Eu me lembrei agora que lá em Madri me deram 3 minutos para falar, mas quando eu falo do Pelourinho, Verçosa, eu me emociono. Falei por 14 minutos e alguém pediu para eu parar, mas o meu intérprete disse: "Não, o senhor está falando do Brasil e o que se conhece do Brasil é futebol e Carnaval, e o senhor está falando de história." Então, eu falei por 18 minutos. Mas vou cumprir. Se tiver alguma dificuldade, eu peço ao juiz mais 3 minutos. (Risos)

Eu queria agradecer a Deus, a todos os santos da Baía de Todos-os-Santos, a todas as forças da natureza, e parabenizar a deputada Fabíola pela feliz ideia de oficializar as homenagens a Batatinha. Eu digo oficializar, porque, pelos quatro cantos desta cidade, eu tenho ouvido exatamente esse tipo de questionamento, inclusive o de alguém me perguntar: "Onde é que vai ser a estátua de Batatinha?" Neste ano, nós estamos exatamente homenageando ou comemorando – pelo menos de pessoas próximas à gente –, três grandes nomes: Pascoal Romano, pessoa responsável diretamente pela existência e pela ampliação da Cantina da Lua; Oscar da Penha, o Batatinha, cuja família me deu a honra de prefaciá-lo este livro...

(O Sr. Clarindo Silva mostra o livro.) (Palmas)

E o Batatinha que eu conheci... Meu primeiro contato com Batatinha, por incrível que pareça, foi para tomar a bênção dele. Ele, com 30 anos, já estava com o cabelo todo alvo. Eu era empregado doméstico do Brás Americano e ele passava pela Rua Alfredo Brito todos os dias. E eu me perguntava: "Quem é aquele senhor tão simples e tão simpático?" Como naquela época o jovem pedia a bênção aos mais velhos, eu atravessava a rua e tomei a bênção dele. E todos os dias em que ele passava, indo para o *Diário de Notícias*, eu repetia o ato.

Depois que eu resolvi assumir a defesa do Centro Histórico, do nosso querido Pelourinho, eu passei a ter uma proximidade maior com ele. Ele foi um dos nossos grandes parceiros na luta pela revitalização do Centro Histórico e pela preservação da

nossa memória cultural. Batatinha, para mim, mereceria 1 ano todo de homenagens: Carnaval, Dia do Samba, Dia do Centenário e outros tantos. Por que? A história de Batatinha se confunde com a história do Centro Histórico. Batatinha morou no Beco do Mota; Batatinha morou na Rua das Flores; Batatinha morou na Ladeira da Preguiça; e até os seus últimos dias ele habitou o Largo da Saúde, ou melhor, no Godinho, na Saúde, que também é Centro Histórico.

Esta sessão, para mim, é histórica; tem uma importância extraordinária para mim, até porque eu, um simples representante do Centro Histórico, que há 53 anos luto diuturnamente pela preservação da nossa memória cultural, estou tendo a oportunidade de poder encerrar a minha fala, possivelmente, dizendo que nós precisamos acordar para aquele lugar. Não é possível que o maior conjunto arquitetônico barroco da América Latina continue com mais de mil prédios arruinados sem que uma medida efetiva, emergente, resolva a situação daquele lugar. Em 2023, este país, este estado e esta cidade tiveram a grande oportunidade de concluir as obras, Dody, Verçosa, do Centro Histórico: exatamente nos 200 anos da verdadeira independência deste país, Nelson Rufino. Pensar a independência como só em 1822 é pensar pequeno. A grande independência deste país se deu no dia 2 de julho de 1823. Nós tivemos a oportunidade de concluir as três últimas etapas da revitalização do Centro Histórico. E acrescento mais: em 2025, minha nobre deputada Fabíola, nós teremos uma outra grande oportunidade, que é, exatamente, a de homenagearmos os 40 anos do tombamento do Centro Histórico como Patrimônio da Humanidade. (Palmas)

Mexe muito comigo, mexe muito comigo a situação da Baixa dos Sapateiros. (O orador se emociona.) A Baixa dos Sapateiros, na minha infância, era um verdadeiro *shopping* a céu aberto. E hoje, Badá, a gente tem a infelicidade de ver o Cine Excelsior, na Praça da Sé, bem como o grande Cineteatro Jandaia, na Baixa dos Sapateiros... Carmen Miranda, Vicente Celestino, grandes companhias passaram por ali e, lamentavelmente, apesar da beleza arquitetônica, a gente vê o Cine Jandaia nas condições em que está. Andando mais um pouquinho, encontra-se o Shopping Baixa dos Sapateiros com 50% das suas lojas fechadas. E pior ainda é a Ladeira do Tijolo, Lucas Batatinha, Paquito, minhas autoridades, deputados desta Casa, onde permitem que a primeira Escola de Belas Artes deste país esteja transformada numa ruína.

Acho que esta é a oportunidade de poder desabafar aqui. É uma oportunidade talvez única, porque eu estou com 82 anos e 146 dias, e quem sabe se Deus vai me dar a bênção de poder voltar a este lugar para expressar o meu sentimento, a minha dor, a minha angústia, a minha vontade de ver aquele lugar verdadeiramente revitalizado.

Um abraço! (Palmas)

Nós precisamos nos apropriar daquele lugar, porque eu digo que o povo que não preserva o passado não vive o presente e jamais poderá construir o futuro.

Viva o Pelô! Pelô vivo!

Vamos resgatar o nosso Centro Histórico, porque em qualquer parte do mundo a que a gente chega e fala do Pelourinho, fala do Centro Histórico, as pessoas se

emocionam, se alegram, Juliana Ribeiro, e dizem assim: “Ai, que vontade que eu tenho de ir naquele lugar.” E nós, baianos, ficamos dizendo: “Aquele lugar é perigoso.” Perigoso nada! O Centro Histórico é a área mais bem policiada do estado da Bahia, tem um batalhão inteiro dando segurança, tem uma Delegacia de Proteção ao Turista, tem 12 câmeras monitorando a área e é o único bairro no Centro Histórico que tem policiamento 24 horas.

Um abraço mais uma vez.

Viva o Pelô! Pelô vivo! Fé e resistência! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Clarindo.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Vamos aproveitar aqui e puxar uma musiquinha agora, informalmente, uma música antes da próxima fala.

Com vocês, de novo, Patrícia, Thiago e Enio.

O Sr. Enio: Boa tarde a todas e a todos presentes. Parabéns mais uma vez, deputada, pela iniciativa. Eu, como sambista da nova geração, não posso deixar de saudar a presença de um outro grande sambista e compositor desta terra: Muniz do Garcia. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Venha para cá, Muniz, aqui para a frente, então.

O Sr. Enio: E não tem como começar esta sessão se não pedir licença. Vamos lá, Thiago.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Vamos ter mais, viu? Obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Quero, agora, chamar o professor Dr. Antonio Alberto da Silva Lopes. Ele é diretor da Faculdade de Medicina e vocês vão ver que tem a ver com esta homenagem.

Professor, seja bem-vindo! (Palmas)

O Sr. ANTONIO ALBERTO LOPES: Muito bem, muito obrigado. Tem muito a ver mesmo, viu? Porque eu já estive aqui antes para homenagear pessoas, cientistas, também você, que foram e são importantes. Inclusive, no combate à covid-19 eu estive aqui presente. Mas não é menos importante o que nós estamos fazendo hoje ao homenagear a cultura, o samba. É um prazer muito grande estar aqui.

Então, (lê) “Ex.^{ma} Sr.^a Deputada Dra. Fabíola Mansur, minha ex-aluna da Faculdade de Medicina da Bahia, que hoje é uma notável representante do nosso estado, cumprimento-lhe com muito carinho. Senhoras e senhores, saúdo também os membros dessa distinta Mesa. E na pessoa da deputada, cumprimento os demais presentes que, assim como eu, vieram prestar esta merecida homenagem ao nosso querido Batatinha. Gostaria também de saudar, com especial carinho, os familiares e os amigos de Batatinha que, certamente, estão aqui hoje e que desempenham um papel fundamental na preservação de sua história e legado.

É uma honra estar entre vocês neste momento tão significativo em que celebramos o centenário de um dos maiores sambistas e compositores do Brasil. Batatinha foi muito mais do que um compositor; ele foi um verdadeiro cronista da vida baiana, que soube transformar em samba e poesia tanto a alegria quanto a melancolia que permeiam o cotidiano do nosso povo e a sua existência.

Suas letras expressam a alma do Pelourinho, do Centro Histórico de Salvador, onde viveu e se criou, onde ainda seu espírito continua a ressoar, especialmente durante o Carnaval, festa que ele tanto amou e que é tão emblemática da nossa cultura. Hoje, o Pelourinho é representado com o Circuito Batatinha, um tributo que honra sua contribuição à nossa história musical.

Em uma das suas canções mais marcantes, *Direito de Sambar*, Batatinha nos dá uma amostra da sua genialidade ao conjugar melancolia e resistência. Ele diz: *É proibido sonhar/Então me deixe o direito de sambar/O destino não quer mais nada comigo/É meu nobre inimigo e castiga de mansinho/Para ele não dou bola se não saio da escola/Sambo ao lado sozinho*.

Esses versos ilustram a luta de Batatinha contra as adversidades da vida, uma luta que ele enfrentou enquanto criava suas belas canções, mesmo quando o destino parecia que lhe seria adverso, ele encontrava no samba o refúgio, um direito inalienável de continuar sonhando, dançando, vivendo.

É interessante saber que a riqueza melódica e harmônica das músicas de Batatinha era, muitas vezes, gerada ao toque de uma simples caixa de fósforos. Pai de nove filhos, Batatinha trabalhava durante o dia como funcionário público na Imprensa Oficial da Bahia e, à noite, como tipógrafo no *Diário de Notícias*. Os mesmos dedos castigados no ar do trabalho de tipográfico eram usados em sua fiel companheira, a caixa de fósforos, para ajudar a dar o ritmo ao samba das suas belas composições.

Maria Bethânia, uma das grandes intérpretes de Batatinha, uma vez disse: ‘Gosto de Batatinha, como gosto da luz da lua, do som do tamborim, do samba em tom menor, das coisas tristes e simples. Batatinha, para mim, é uma pessoa rara, um artista.’

Assim como Batatinha transformou suas experiências em samba, a Faculdade de Medicina da Bahia, da qual eu tenho a honra de ser diretor, também está enraizada no Centro Histórico de Salvador, transformando vidas através do ensino e da pesquisa, ambos são exemplos de resiliência e de perseverança, características que definem o espírito baiano.

O Circuito Batatinha, no Pelourinho, hoje celebra o Carnaval de maneira tradicional e vibrante. É um tributo justo a um homem que tanto fez pela nossa música e pela nossa cultura. Assim como a Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira escola de Medicina do país, perpetua o conhecimento médico e a história da Medicina brasileira, o Circuito Batatinha mantém viva a memória do sambista, onde suas melodias ainda ecoam pelas ruas, carregando consigo a alegria e a melancolia que ele tão bem soube expressar.

Hoje, ao celebrarmos este centenário, não estamos apenas lembrando o compositor, mas também o homem que com sua arte nos ensinou a nunca desistir do direito de sonhar, nem do direito de sambar mesmo nos momentos mais difíceis.

Muito obrigado a todos, especialmente à deputada Fabíola Mansur, por este momento de celebração e de reflexão sobre a importância do legado de Batatinha para o Pelourinho, para a Bahia e para o Brasil.”

Muito Obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Muito obrigado, Dr. Antonio Alberto. Isso é importante, Clarindo, a Faculdade de Medicina também é um estandarte de resistência em memória da nossa história.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Antes de passar os vídeos com vários depoimentos, eu queria que a gente saudasse a família de Batatinha que está aqui. O Lucas compõe a Mesa, mas eu queria saudar também Artur Emílio dos Santos Penha, filho de Batatinha, por favor, Emílio, levante-se; Flora da Conceição Penha, neta de Batatinha; Maria Estela Ramos Penha, esposa de Lucas. (Palmas)

Muito bem, vamos ver agora vídeos com alguns depoimentos.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Antes de chamá-lo, quero também saudar a presença de Leleto, nosso diretor legislativo da Câmara Municipal de Salvador, bem como dos jornalistas Patrícia França, Jeane Borges, Francis Juliano e Ana Maria Vieira. (Palmas)

Eu quero agora chamar você, Lucas da Penha, tenho muita honra em tê-lo aqui ao meu lado representando toda a sua família, representando seu pai, representando sobretudo o seu legado. Com a palavra você, Lucas. (Palmas)

O Sr. LUCAS BATATINHA: Boa tarde a todos. Temos poucos minutos para falar alguma coisa. Eu sou artista plástico, não sou cantor, mas as artes plásticas andam junto com a música. Há tempos, eu tenho vontade de prestar algum tipo de homenagem a Seu Oscar da Penha, Batatinha, mas não sabia como fazer isso, porque a relação entre filho e pai é diferente da relação entre amigos e entre companheiros, é uma relação diferenciada, mas eu sempre tive o sonho de homenagear Seu Oscar da Penha.

Há um tempo, tinha um livro de Carlos Bastos lá em casa e tinha um desenho da Galeota, que está aqui com grandes representantes e, cutucando, eu vi que Batatinha fazia parte desse universo de pessoas ilustres que estão nesse painel.

Eu sempre quis poder fazer isso e eu trouxe hoje uma homenagem a Batatinha, agradecendo a ele a música *O Circo*, que ele fez para os nove filhos. Então, como forma do carinho e do amor que eu sinto por ele, eu trouxe uma pintura que eu fiz. Assim que a deputada Fabíola Mansur e Cristina Rodrigues me fizeram esse convite – estava parecendo que não ia acontecer nada –, eu tive a iniciativa, deputada Fabíola Mansur, de fazer uma pintura do Seu Oscar da Penha, Batatinha, que vai estar naquele

salão lá na frente. O.k.? (Palmas) Isso é o mínimo que eu pude fazer, já que eu tinha essa vontade.

Aqueles que compõem a Mesa se considerem abraçados, não só por mim, mas por toda a minha família. Eu estou realmente muito emocionado, muito feliz. A sua benção, Seu Clarindo. A sua benção, Nelson Rufino. Eu gostaria de abraçar todos, mas sintam-se abraçados, não por mim, por Batatinha.

Eu queria mandar um abraço especial e um beijo a minha esposa, Maria Estela Rocha Ramos Penha (palmas), que é arquiteta. Um homem quando caminha... foi o caso de Batatinha, que teve uma pessoa chamada Marta dos Santos Penha, confere, Pitta? (Palmas) Ela foi muito sua amiga. Então, quando o homem começa a caminhar, ele tem de ter uma pessoa ao seu lado e essa pessoa chamava-se Marta dos Santos Penha. Foi essa pessoa que a todo o tempo lhe deu a mão, só se separou de Batatinha quando Deus pegou a mãozinha dela. O.k.?

Deus chamou Batatinha 10 anos depois, mas antes disso, ele falou no Pelourinho, que era o ponto... Inclusive, fazendo uma correção pequena^[1], deputada Fabíola Mansur, Batatinha nasceu em 5 de agosto de 1924, na Maternidade Climério de Oliveira, no bairro de Nazaré. Então, foi no Pelourinho e não em Nazaré das Farinhas. O.k.? Sobre Nazaré das Farinhas, uma pessoa chamada Maria José compôs uma música chamada *Nazaré das Farinhas*, a qual Batatinha cantou e entrou no disco *50 Anos de Samba*.

A arte de Batatinha não se resume somente à grandeza do tamanho do trabalho que ele fez como músico, mas ela acaba entrando também em todas as áreas: nas artes plásticas, nos filmes, no teatro e na dança. Nos filmes: *A Resistência da Lua*, de Octavio Bezerra; *Jubiabá* de Jorge Amado, de Nelson Pereira; *Batatinha e o Samba Oculto da Bahia*, de Pedro Abib; *Batatinha - Poeta do Samba*, de Marcelo Rabelo. Sua música está também no disco do filme *Ó Paí, Ó*, no qual eu fui convidado para substituir Lázaro Ramos na cena em que ele era artista plástico e músico. Eu o substituí para pintar o corpo de Emanuelle Araújo. Monique Gardenberg fez essa homenagem a Batatinha com uma canção dele nesse filme. Então, a música de Batatinha é mais ampla, é uma coisa que não se consegue alcançar.

Essa homenagem não começou agora, nós estivemos em São Paulo também. Eu estava lendo matérias de jornais e estava meio triste, sem saber o que eu ia fazer, porque Batatinha fez tanto pela Bahia, fez tanto por Salvador. Poxa! Não é possível, será que isso vai passar em branco? Então, deputada, eu lhe agradeço do fundo do meu coração pela sua iniciativa. Nós tivemos uma homenagem muito linda em São Paulo, no Sesc Pompeia, com a Adriana Moreira e com o convidado especial Nelson Rufino, com o qual eu estou aqui conversando, mas me tremendo, porque Nelson Rufino é um ícone, é um gigante da música. (Palmas) É uma pessoa super-humana. Nelson é um amor de pessoa. Eu até falo a Estela. O que eu falo? Eu não gosto de Edil Pacheco, eu gosto de Nelson. Falei isso ao Edil Pacheco ao telefone. Por quê? Porque ele fez a música dele nos anos 1980 que fala dos filhos de Batatinha, dos filhos bonitos, e ele não falou o meu nome. (Risos) Então, zero para Edil Pacheco e tudo para Nelson Rufino, com sua verdade. (Palmas)

Eu não vou poder me estender muito. Edbinho, aquele abraço. Aquele abraço para você também. Ygas, um abraço para você que está fazendo uma exposição aqui, abrindo o leque de possibilidades. Quero fazer uma exposição neste salão, onde meu colega Ygas está fazendo, deputada Fabíola Mansur. Os quadros já estão prontos. O.k.? Seu Clarindo, eu vou finalizar com saúde, paz e resistência, que isso significa o Centro Histórico.

Eu quero agradecer a presença de Flora, neta de Batatinha; de Artur, meu irmão; de Pitta, você é de casa; e de Estela, um beijo para você. Beijo em todos. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Lucas! Sinta-se contemplado com a sua exposição. Você é um grande artista plástico e será uma honra, no centenário de Batatinha, termos sua arte nesta Casa. Valeu a correção também em relação ao nascimento dele.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu quero dizer para vocês que nós teremos a fala da nossa querida diretora da Funceb, representante da secretaria do governador do estado da Bahia Jerônimo Rodrigues. E é claro, Pitta, que deixaremos Nelson Rufino ser o último a falar, porque depois dele, nós terminaremos esta sessão com uma roda de samba em homenagem a Batatinha. Com certeza, Pitta será a pessoa que nos guiará por essa roda de samba. Então, eu quero chamar Sara Prado (palmas) que, neste ato, representa o secretário Bruno Monteiro e o nosso governador. Desde já agradeço a sua presença.

A Sr.^a SARA PRADO: Eu quem agradeço. Boa tarde a todos, a todas e a “todes”. Parabenizo-lhe, deputada Fabíola, por esta sessão, pelo cuidado cotidiano que a senhora tem no seu mandato com a cultura. Sem dúvida, a senhora é uma das principais parceiras que nós temos na Secretaria de Cultura e precisamos dessas parcerias para poder fortalecer todo o cuidado com a memória e com a história da cultura do estado da Bahia. Nós somos de um estado reconhecido nacionalmente pela sua herança cultural e pela forma como a sua cultura forjou toda cultura nacional.

O samba nasceu na Bahia e Batatinha foi um desses grandes representantes. É fato que nem todo o esforço do poder público é capaz de pagar a dívida histórica que nós temos com figuras como mestre Clarindo, mestre Nelson, Vadinho, Pitta e tantos outros e tantas outras que nós podemos citar, como Guiga, Walmir, Roque. Tantas pessoas fazem o samba da Bahia ser o que é e é nítido que essa dívida precisa ser reconhecida pelos poderes públicos, pelas casas legislativas. Inclusive, como foi bem dito por Paquito, precisamos entender como é que nós vamos regulamentar as novas mídias para que a história e a tradição não sucumbam aos algoritmos e às novas formas de se fazer ouvir.

Nós temos um histórico na nossa música, na nossa forma de fazer, na nossa ancestralidade, que exige um trabalho coletivo para tal. Quero falar da felicidade de sempre estar nesta Casa que é a Casa do Povo, participativa, e hoje falando de um poeta que nos ensinou a ver a tristeza com uma determinada beleza. Batatinha falava sobre isso que nós somos: trabalhadores e trabalhadoras que se jogaram na arte e na

cultura enquanto forma de produzir, enquanto forma de se expressar, mas que possuem os seus dilemas cotidianos e esses dilemas, às vezes, são tristes, às vezes nos tocam, às vezes nos deixam de fato para baixo. Que bom que Batatinha soube, meu querido Sílvio, transformar isso em música, soube transformar isso em poesia, soube nos ensinar que o sofrimento e a tristeza são sentimentos legítimos e que nós devemos ressignificá-los. Sofrer também é merecimento, como dizia Batatinha. É por isso que nós estamos sofrendo a sua ausência, mas rememorando e celebrando todo o seu legado e nos comprometendo cada vez mais com o samba. (Palmas)

É um fato que os últimos atos das políticas culturais, os últimos desgastes das políticas culturais no país comprometeram muito – muito mesmo – a nossa possibilidade de ajudar os nossos e de fomentar a cultura como ela deve ser fomentada. Estamos em um processo de plena recuperação. Nem mesmo a Aldir Blanc e a Paulo Gustavo – em que podemos reconhecer a memória e o legado de figuras tão importantes como mestre Clarindo, mestre Nelson, mestre Vadinho – são capazes de pagar essa dívida.

Então, contem com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, a Fundação Cultural do Estado da Bahia e com o Governo do Estado da Bahia – construído e eleito pelo povo e para o povo – para que possamos não só fazer a justa homenagem a Batatinha como também a justa homenagem a todos os nossos sambistas, sobretudo àqueles que ainda contribuem para nós com a sua presença, com a sua produção e com a sua voz, como o mestre Nelson.

Então, encerro aqui, porque eu quero sambar à voz de mestre Nelson para que possamos comemorar do jeito que se deve: sambando.

Obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, querida Sara.

É importante esse compromisso público que uma representante do nosso governo do estado faz com essa pauta de resgate de memórias, não apenas desses mestres que estão aqui, mas também de mestre Batatinha, de Emanuel Araújo, como você citou. Sobretudo, Sara, acho que a fala de Paquito é uma fala de todos os agentes culturais em relação à desburocratização dos editais, na medida do possível. Agora não se pode lançar edital, porque já estamos em ano eleitoral, mas eu quero sugerir um edital, ainda no fim do ano, específico para o samba: edital Batatinha. (Palmas) Podia ser algo... Se o estado pode, eu acho que talvez a melhor forma de homenageá-lo seria um edital específico para o samba. Eu tenho certeza de que lá de cima, onde ele está, ele estaria muito feliz por essa oportunidade.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Bem, como foi muito bem dito, é uma honra convidar mestre Nelson Rufino para fazer uso da palavra. Eu tratei logo de botar ele e o Lucas ao meu lado.

Eu queria aproveitar e chamar Pitta, Rita Tavares – está ali Rita, Rita aqui da Casa – e Luiza Andrade para se unirem a Patrícia, Enio e Thiago. Peço para sentarem

aqui numa cadeirinha e para esperarem ali na roda do samba, porque ao contrário de todas as outras sessões especiais que temos na Casa, mestre Rufino, em que terminamos sempre na formalidade com o Hino da Bahia, que é muito importante, eu acho que esta sessão é tão especial e histórica que temos de terminar engajando as pessoas no samba, engajando nessa memória de Batatinha que está tão vivo em todos vocês que estão aqui.

Então, eu queria te convidar, mestre Rufino, para nos brindar com a sua fala, com o seu cantar e com a sua inspiração em homenagem a Batatinha. (Palmas)

O Sr. NELSON RUFINO: Eu sou acostumado com microfone na mão. (Risos) Olhe, gente, eu tive a honra e a felicidade de ser convidado recentemente para fazer parte de uma homenagem a Batatinha em São Paulo, onde os laços de amizade entre mim e Lucas ficaram altamente fortalecidos. A menina dele também, minha irmãzinha... Em alguns momentos, a gente comentava: “Meu Deus, será que não vai acontecer nada em Salvador?” Foi linda a homenagem no Teatro Pompeia, que durou dois dias. Eu disse: “Meu Deus, minha terra tem de acordar para isso.”

Essa menina falou com muita... Aliás, todos têm falado sobre o nascimento do samba na Bahia. Eu digo assim: cronologicamente, o samba nasceu na Bahia; o Rio de Janeiro botou no colo; e São Paulo dá mamadeira. (Risos) Eu tenho de ter muito cuidado... Eu quero parabenizar o meu primeiro produtor, Roberto Sant’Ana que, gente, me botou no Selo Philips em 1977.

Muniz? Cadê Muniz? Já foi? Ahhh! Meu carinho e meu respeito. Tem um monte de gente aqui envolvido no samba, meu querido deputado com quem comecei a fazer amizade também, Jairo da Mata, Dody Só – sozinho não pode –, França, voz bonita, hein, garoto? Gostei para caramba, meus parabéns. A viola do menino também é danada.

Eu estava mentalizando o que eualaria sobre Batatinha, então vou contar uma história para vocês.

Quando eu tinha 10 anos – quase 11 anos –, eu vi Caymmi e me apaixonei por Caymmi. Tenho uma mágoa de ele ter morrido sem eu ter apertado a mão dele, sem ter tomado a bênção. Eu costumo dizer que eu tenho três referências na minha vida, na música. No samba, Batatinha e Martinho da Vila. Eu ficava dizendo assim: “Meu Deus, como é que pode?” O samba se fez na redundância dos atabaques, dos baticuns dos terreiros, foi assim até chegar na bossa nova e, de repente, ele tem 100 anos. Então, vejam bem, é muito, é uma cabeça... eu era louco. Entendeu?

Então, como Batatinha entrou na minha vida? Eu tinha vindo do Rio de Janeiro tentando futebol e lá, com saudade de minha mãe, compus minha primeira música sem saber para onde eu iria. Meu irmão cortava o cabelo de Batatinha no Pelourinho, em frente à barbearia de... deu um branco agora, depois eu lembro o nome.

Meu irmão Vadinho, coincidentemente xará de Vadinho ali, disse a Batatinha: “Batatinha, meu irmão caçula está começando a escrever umas coisas, eu posso te mostrar?” Ele respondeu: “Traga para eu ver, Porrotó”. O apelido dele era Porrotó. Ele deu o aval: “Esse menino vai longe.”

E, agora em São Paulo, eu fui contemplado... eu chorei para caramba no ensaio geral do show em homenagem a Batatinha. Adriana Moreira... (O orador se emociona.) Eu disse que... Ah, sim! (Palmas) Calma, calma! (Risos) Na hora da minha apresentação, Adriana disse assim: "Este aqui eu não vou anunciar". E eu estava prestes a entrar no palco para cantar Batatinha. Aí, tem um depoimento de Batatinha, que um grande jornalista de São Paulo pegou, no qual aparece na tela a voz de um cara que pergunta assim: "Batatinha, dá uma aposta de quem vai continuar tua obra?" Aí, aparece a voz de Batatinha: "Sem medo de ser feliz, Nelson Rufino." Eu chorei pra caramba... Aí, eu adentro ao palco, na boa. Claro que aqui tem um monte de feras, mas eu tive essa sorte. (Palmas)

Eu já contei tanta história de Batatinha, em toda entrevista minha eu falo dele. Só para encerrar, vou contar uma linda e triste para vocês. Ele deu o seu aval para Rufa e aí nós viramos um xodó muito grande, nós tínhamos um carinho muito grande um pelo outro, fizemos algumas farras gostosas, a cerveja que o diga, mas eu ficava com medo, Paquito... Essa é de cinema! Eu disse: "Meu Deus, eu gostaria de fazer uma parceria com Batatinha, poxa." Aí, ficava com medo. Quando Batatinha estava prestes a mudar de andar, prestes a ir embora, ele disse assim: "Poxa, Nelson Rufino não me deu a ousadia de fazer uma música com ele." Eu chorei pra caramba. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Bem, mestre Nelson Rufino, Pitta e todos aqui, nós vamos agora convidar vocês a entrarem no universo Batatinha.

Eu quero saudar o querido Badá, nosso produtor cultural. (Palmas) Mestre Nelson, aqueles que querem reverenciar Batatinha, temos uma roda de samba.

Vamos terminar a sessão, dentro deste Plenário, cantando samba, cantando e reverenciando Batatinha. E eu quero agradecer a todos vocês pelas presenças.

Com a palavra, Pitta.

O Sr. CARLOS PITTA: Bom, eu vou convidar muita gente que gosta e que canta as coisas de Batatinha. Primeiramente, quero falar de uma coisa rapidamente aqui. Quando o Lucas Batatinha disse: "Pitta, você é de casa", ele se lembrava que nos anos 1980, quando eu vim morar em Salvador, eu fui muito bem acolhido por essa família, a família de Oscar da Penha e de D. Marta. Eu tinha perdido a minha mãe, vim morar em Salvador e vocês me acolheram muito bem. Eu sempre ia para a Saúde. Dia de domingo tinha a feijoada do Batata e de D. Marta, a quem eu tinha como uma referência de mãe e sempre a tratava assim, e vocês como meus irmãos. E o velho Batata dizia: "Não vai lá pegar o feijão, não?" Era o feijão do dia de domingo. Então, fiquem sabendo que, quando Lucas disse: "Você é de casa, Pitta", é porque isso é uma grande verdade.

E eu tive o prazer de ser convidado para dirigir um show de Batatinha no Teatro Castro Alves, nos anos 1980, quando eu juntei Batatinha com Clementina de Jesus. Esse encontro foi uma das coisas mais lindas que eu vi nesta cidade de Salvador. Então, eu fiz a direção desse show. E também, no Teatro Castro Alves, me chamaram de louco uma vez, quando fizeram uma homenagem a Batatinha e eu cantei a

música *Diplomacia* em ritmo de blues, que fazia assim: *Meu desespero ninguém vê/Sou diplomado em matéria de sofrer* (O orador canta.) Porque eu sempre vi Batatinha como um “*bluesman*”, aquele cara que sabia muito bem captar na alma o sofrimento e transformar em música. Então, não é o fato de Batatinha ter nascido na Bahia que o afasta de ser um “*bluesman*” completo, porque *blues* é sentimento e isso Batatinha tinha demais.

Então, vamos lá! Dody Só canta Batatinha maravilhosamente bem, fez o show... venha para cá, para a roda de samba. Venham todos vocês que cantam Batatinha. Chocolate, você está aqui e também canta Batatinha. Thiago, Julião, Rita Tavares, essa musicista maravilhosa, cantora, compositora, violonista, uma voz maravilhosa. Todos que cantam Batatinha, venham pra cá, porque roda de samba se faz com a participação de todo mundo cantando.

Aqui a democracia é plena, não é só dentro desta Casa, não; é também na roda de samba. Então, vamos exercer a democracia do samba, vamos cantar Batatinha. Todos venham para a roda de samba. Dody, cadê você? Venha cantar Batatinha, venha. Você canta Batatinha maravilhosamente bem, fez um espetáculo cantando Batatinha, outro dia você cantou uma música linda dele.

Então, vamos? Vamos em um ré maior. Cadê Rita Tavares? Vamos.

Então, vamos começar a roda de samba. Todos que cantam Batatinha venham para cá: Julião, Thiago, Bahia, Chocolate, Nelson Rufino... eu não falo nem de Nelson, porque Nelson é mestre. Então, o mestre é o primeiro.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu aproveito para agradecer a Olívia Soares, a Cristina Rodrigues, jornalistas desta Casa, a Franciel pela ideia. Agradeço a vocês pela presença. Oficialmente a sessão está encerrada, mas a roda de samba vai continuar. Valeu, Batatinha! Salve, salve o centenário!

Declaro fechada a sessão especial, mas declaro aberta a roda de samba em homenagem a Batatinha no seu centenário.

[1] A retificação já havia sido feita pela oradora Dra. Fabíola Mansur durante a revisão do seu discurso.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.